

JORNAL D'OVAR

PUBLICAÇÃO SEMANAL

ASSIGNATURAS

Em Ovar, semestre	500 réis
Com estampilha	600 »
Fóra do reino accresce o porte do correio avulso	20 »

DIRECTOR E PROPRIETARIO

AUGUSTO DA COSTA E PINHO

Redacção e administração — LARGO DA PRAÇA — Ovar
Impressão e composição — TYPOGRAPHIA PENINSULAR
Rua de S. Crispim, 18 a 28 — PORTO

PUBLICAÇÕES

No corpo do jornal.	60 rs. cada linha
Annuncios e comunicados	50 » »
Repetições	25 » »
Annuncios permanentes, contracto especial	
25 p. c. de abatimento aos snrs. assignantes	

OS TITULOS FIDUCIARIOS

II

Em França o privilegio foi restricto á capital, e pouco a pouco se generalizou a todo o paiz, mas com um prazo, prolongado uma vez até 1867, e outra até 1897.

Em Inglaterra não é um só banco que o desfructa, e o da Escocia ao qual nunca foi cassada a liberdade emissora, diffunde o credito por todas as classes. Lá a emissão tem um limite, o monopolio é obrigado a uma garantia, a depositar no thesouro em fundos publicos o equivalente ao valor dos titulos, que pode emitir.

Em Portugal o sr. Marianno de Carvalho concedeu-o sem prazo, sem garantias, e com um limite, que era melhor não tel-o.

III

Mas ainda seobjecta, que em todas as nações da Europa ha um banco Emissor privilegiado.

Em todas não, e em nenhuma existe como instituição fundada em principios economicos, ou como tendo uma vantagem social, mas sim como um facto resultante das crises politicas em que o recorrer a um grande estabelecimento bancario, ou fundal o, foi uma necessidade imperiosa, e se ainda se conserva em Inglaterra é modificado pela extensão do privilegio a muitas Companhias, e até a 145 bancos particulares: em França é porque o prazo se renovou por motivo de igual natureza, mas não sem uma fortissima resistencia da parte de alguns economicistas.

Mas entre nós se o governo permite que a emissão dos titulos exceda tres ou quatro vezes os valores reaes, ou é ignorancia, o que não é crível, ou audacia, que espanta.

Decretar um privilegio para garantir os titulos, e no mesmo decreto legalisar a sua ficção em mais do dobro dos valores, e depois eleva-la a mais de cincoenta mil contos, é auctorisar a falta de garantia, é contradicção, é absurdo de tal ordem, que não se imagina ser um acto financeiro.

IV

Ninguém pode duvidar de que tem sido excessiva a emissão dos titulos fiduciarios.

A abundancia do papel não convertivel, como são tambem as notas do Banco Emissor, faz subir os preços—os preços mais subidos diminuem a exportação—o negociante estrangeiro não compra o que não vende lá fóra, onde o preço é menor—e a importação, que relativamente cresce, leva-nos o ouro.

Os debitos sobem, os credos baixam... e a moeda metallica emigra.

Nestas circunstancias ainda quiz o sr. Marianno de Carvalho adoptar o duplo padrão, o ouro e a prata.

Foi a Pariz, leccionou-se com os directores do *Comptoir d'Es-compte* e este banco, que tinha em deposito muita prata, viu o ensino de se desfazer d'ella suadindo o ministro portuguez a restabelecer a duplo padrão em Portugal.

O preço do ouro em relação com a prata e o d'esta em relação com o ouro são maiores ou menores segundo a quantidade ou proporção, em que ambos estão um para o outro.

E a relação entre elles emquanto ao seu valor estabelecido por lei, ou pelas convenções internacionais, ha-de variar cada vez, que se altere ou aquella proporção, ou o pezo de cada uma das especies.

São as leis economicas, e não os decretos, que regulam o commercio.

O metal, cujo valor commercial sobe, faz sahir o outro do mercado, ou restringe-se aos pagamentos interiores.

Assim o duplo padrão nada remedeia, e pela desapreciação geral e progressiva da prata, havia de agravar muito mais a nossa crise financeira.

Dois metaes como o ouro e a prata não podem ser ambos, ou ao mesmo tempo, a medida do commercio, que deve ser invariavel Ora isto não succede senão com um só metal em relação com elle—mesmo—com a prata em face da prata, ou com o ouro em face do ouro, mas estes metaes variam de valor em relação um com o outro.

O duplo padrão era mais uma causa de ruina para o nosso commercio. E' claro.

Ainda na *Gazeta de Portugal* o sr. Antonio de Serpa veio com algumas considerações, que pareciam favoraveis ao projecto do sr. Marianno; enviei-lhe os meus artigos sobre o bimetalismo e depois o illustre chefe regenerador não mais se pronunciou sobre o assumpto, deixando-me a suspeita de que se rendeu á evidencia dos meus argumentos.

Lourenço d'Almeida Medeiros

A NOVA SINTESE PHILOSOPHICA

Em Pariz o sr. Guerra Junqueiro prometeu ao correspondente do *Jornal de Noticias* dar a lume em breve uma nova synthese do universo.

Uma concepção d'esta ordem não pode hoje consistir em qualquer hypothese por mais profunda e subtil que seja a dialéctica a que for sujeita, mas em induções rigorosamente apuradas de todas as sciencias.

A synthese, ou a unidade de todas ellas, o principio—laço de todas as theorias particulares, está só reservado a um futuro ainda muito distante, e talvez, possamos dizer, nunca attingido. Contudo as descobertas succedem se, e algumas são tão maravilhosas, que receio affrontar a intelligencia humana com essa duvida.

Mas a synthese geral por ora é impossivel

Louvaveis são porem os esforços, que nos aproximam d'esse ideal da sciencia e da philosophia.

Em vão se luta contra a especialidade.

A unidade de uma sciencia não passa alem dos factos, que entram na sua esfera, não se estende á esfera proxima—mas

quando mesmo as theorias relativas aos grupos de phenomenos diversos em cada sciencia ainda se não unificaram, como é realisavel por emquanto a synthese, que abranja a todas?

Não queremos desmerecer o sr. Guerra Junqueiro; um nosso amigo, bom apreciador, o sr. Barão do Cadoro, attesta-nos a sua alta mentalidade.

Assim hypotheses, pontos de vista, denunciativos de muita penetracção e agudeza, desde já concedemos ao illustre poeta, e virão, apesar de não conseguirem o alvo, cercar de mais brilho o seu nome.

(Continúa).

Lourenço d'Almeida Medeiros.

LITTERATURA

A Visão dos Tempos—e as Modernas Idéas do sr. Theophilo Braga.

LII

O sr. Alberto Pimentel apura tambem a frivolidade do sabio occidental—leia-se.

Aqui estou eu vendo, da janel-la, da minha saleta, este velho Castello, que me recorda a estreita Lisboa de D. Diniz, quando a muralha, passando em frente da Sé, correndo á beira mar e subindo pela Adiga voltava a unir-se á fortaleza d'onde descera.

Sinto-me tentado a ir lêr os meus livros de historia portugueza.

Abro alguns no reinado de D. Diniz, o rei galante e trovador, sem embargo de ter sido util á sua patria, e tão util que, creando a Universidade, fez uma obra que os bachareis estragaram! Orgulho-me por um momento de ter sangue mosarabe nas veias e o sr. dr. Theophilo na livraria.

Folheio os *Trovadores galecio-portuguezes*, onde espero encontrar o nome de D. Diniz, e não só encontro o nome, senão que tambem estes dizeres conceituosos e sabios a paginas 155.

«Vejam as circunstancias que levaram el-rei D. Diniz a ser trovador, e a dar o gosto da poesia á fidalguia portugueza. Nasceu D. Diniz a 9 de outubro de 1264; era neto de Affonso, o Sabio, o grande e o principal trovador da escola Castelhana. Quando D. Affonso III seu pae andava em luta contra o rei de Castella sobre o senhorio do Algarve, foi o infante portuguez, á côrte de seu avô, em idade, é certo, em que ainda não podia apreciar a poesia, mas em que podia receber a impressão deslumbrante que quiz pôr em pratica no seu reinado.»

Vou immediatamente tirar-me de duvidas. Quero saber em que idade foi D. Diniz á côrte de Castella e recebeu a impressão deslumbrante, que, realisada mais tarde, representa um notavel periodo na historia litteraria de Portugal.

Recorro, pelo m'ó não dizer o sr. dr. Theophilo, á *Historia de Portugal* de Pinheiro Chagas, e leio a pag. 122 do vol. I.

«Cedo começou para D. Diniz a vida politica. Tinha pouco mais de seis annos quando foi como embaixador a Castella.»

Fiquei aturdido!
Pois é possivel, ó sr. dr., que tanto madrugasse o entendimento no real menino; que trouxesse de Castella, sem a perder pelo caminho, essa impressão deslumbrante, e que os annos lh'a não desluzissem da memoria, se é que chegou com ella a Portugal!

Valha-nos Deus!
Eu acredito piamente que D. Diniz só disse em Castella o que os embaixadores lhe ensinaram em Portugal, e durante a jornada lhe avivaram.

O que certamente se queria era dar importancia politica á embaixada; foi o infante por não poder ir o rei.

Mas lá que D. Diniz, com os seus seis annos, preferisse as muzas de Castella ás reaes goldices da meza hospitaleira, não acredito, francamente, e admira, porque eu acredito em tudo, até nos mosarabes.

Palavra que me sinto triste!
Chego a odiar o meu facultativo por me não deixar ir antes admirar a patria na natureza.

Aborreço a historia.

Alberto Pimentel

(Diario Illustrado)

GARGAREJO

Tu sabes alma querida, desde o dia em que te vi tu sabes que a minha vida a vivo a morrer por ti?

Mas quero jurar-te e juro que te adoro; que sou teu; que t'engastei no futuro como uma estrella no ceu.

Mas esta distancia immensa... Eu na tarde e tu no alvor!... Ha um só amor que a vença, Tu és capaz d'esse amor?

—Se alguma distancia existe entre nós e eu nunca a vi. é natural que eu não diste mais d'ahi que tu d'aqui.

Tens razão, tens. Estou louco..

E's então capaz de amar...

—Eternamente. Achas pouco?

—E és capaz de m'ó provar?

—Sou. Nem minh'alma deseja,

nada mais do que provar-t'o.

—Qual é a porta do teu quarto?

—Entra-se alli pela igreja.

Fernando Caldeira.

A' GANDAIA

Escrevi ha tempos n'este logar que as justicas da Povoia de Lanhoso desterraram para Ovar um miseravel ébrio que a todos inspirava dó. Se a justiça minhôta ao condemnar o desgraçado havia sido, talvez, deshumana e cruel, essa crueldade foi até certo ponto attenuada pelo local do desterro que lhe destinaram.

Escolheram Ovar para isso, quando é certo que a nossa populosa villa, entredida como está na sua labuta quotidiana, nem tempo tem para reparar nos hospedes que de qualquer parte nos visitem. Ovar não é terra para regenerar criminosos. Bem lhe basta o seu trabalho afadigoso que muitas vezes nem um momento de descanso permite.

Quantas vezes a villa ainda não está adormecida, e já as obrigações dos seus habitantes os fazem levantar para essa bemdita e Santa cruzada do Trabalho!

Decididamente Ovar não é terra para regenerar criminosos. Mas na Povoia de Lanhozo parece que ignoravam isso, e ha meses, sem que ninguém o esperasse,—apparece-nos ahi n'uma manhã perfumada de maio, como um cantico de primavera, um desterrado pobre rôto e miseravel!

A creatura havia sido condemnado na terra da sua naturalidade, pelo crime de embriaguez segundo nos informaram—e de lá, como a um farrapo a quem pozessem um rótulo—sobrescriptaram-n'o para Ovar.

Em terras vareiras appareceu o homem sem protecção, sem dinheiro e sem pão.

Mas o sr. delegado que é um bom coração e uma bella alma, mandou que a esse desterrado fossem servidas duas refeições diarias. O grande criminoso, depois d'aquella ordem ficou melhor d'uma banda.

De fome, já elle não morreria. De sede, tambem não correria esse risco, pois nos chafarizes—graças a Deus!—corre agua noite e dia. Faltava-lhe apenas uma enxerga aonde podesse repousar o corpanzil.

O desterrado não ambicionava quarto rico com luxuosa mobilia, nem fôfo leito.

Um feixe de palha estendido no soalho sujo d'um velho palheiro, bastava. E conseguiu-o. Alma caridosa, cujo nome ignoro, bizarra e gratuitamente, lhe abriu as portas d'um palheiro. E o homem entrou e ali se installou, mais ou menos commodamente, conforme o preço da renda.

Estavam vencidas as primeiras dificuldades. Agora, o que o desterrado queria, era que o tempo passasse rapido como um relampago. E para não se deixar adormecer na sua enxerga, levantava-se alta manhã, e por ahi vinha até á Praça, á laia de dandy decadente, fazer *flirt* e tomar o ar fresco. Elle não se intrometia com pessoa alguma, e o seu desejo era que o deixassem em paz. Bem lhe bastava o seu desgosto de se ver n'uma terra estranha, sem uma mão amiga que se lhe estendesse, sem uma palavra que o confortasse.

Mas a garotada essa garotada infrene e atrevida que por ahi campeia livremente, com o applauso de muitos e sem reparo da auctoridade—descobriu-o n'um dia, á esquina da Praça, d'olhar cravado no chão como se estivesse a meditar na sua desgraça. Os garôtos viram n'elle uma figura grotesca aonde havia um rico filão de

troça para explorar. E se assim o pensarem melhor o fizeram.
 E desataram logo a berrar: «O João Franco! O bebado!»
 «Tu tens um menino!»
 E por ali adiante, u'uma torrente de chufas vergonhosas, acompanhadas com pedradas e assobios. O infeliz barafusta, e quando mais fortemente acoçado se vê por esses maltrapilhos tracta de se defender dos seus algos, como quem se defende d'uma matilha de cães dannados! E isto faz-se em plena praça publica, á luz do dia, sem o protesto de muita gente, e sem que a auctoridade ponha um dique a scénas tão lastimosas.
 Ora será bom que esses factos se não repitam.—Para o bom nome da nossa terra e para que esse infeliz, amanhã, quando o *devolvementem* para a Povoia de Lanhoso, não diga lá que Ovar é uma terra de selvagens. . de gravata!

Gil Braz.

Chronica d'um vagabundo

Na ancia febril de tudo ver, e no cumprimento fatal d'um destino:—o de vagabundo—forçoso me foi arrastar-me a paragens desconhecidas.
 Um refrigerante no ardor da labuta pela vida, e uma excavação de impressões fortes foi essa viagem.
 O que eu ia visitar com a avidez do *touriste* que prescruta um nada, uma insignificancia nos costumes, na vida de uma aldeia de uma villa ou de uma cidade; que se esforça por descobrir na tela grandiosa do panorama cosmico uma combinação de cores nunca vista, um traço de luz d'uma irradiação nova; o que eu ia visitar não era todavia tão desconhecido que não imaginasse, por uma criação de phantasia, servida pela aturada contemplação de coisas semelhantes, quasi á estrutura do scenario nas sua linhas geraes.
 Eu não visitei Paris, e com magua profunda o digo.
 Dos leitores, muitos, ou quasi todos, afinam o seu desgosto pelo meu.
 E todavia, eu e elles, julgamos que Paris deve ser uma cidade como Lisboa, mas uma Lisboa collossal; que as suas avenidas e *boulevards* são—salvo o devido respeito—como a Avenida da Liberdade, mas uma Avenida da Liberdade elevada ao cubo.
 Não podemos, certamente, por uma visão imaginativa conceber uma capital como realmente ella é.
 Porque na contemplação do que phantasiáramos, assombra-nos o estupendo!
 Sentimos tão differente a rea-

lidade das ruas, dos edificios, das praças e dos monumentos, que exclamamos, n'um profundo desanimo:
 —Como é extranhamente des-sencntrado do que eu pensava!
 E arrelia-rmo-nos porque a nossa phantasia se rebaixou tanto.
 Pois eu ha dias, como queria dizer no principio da chronica, fui aspirar a largos haustos os frescos e tonicantes ares d'uma praia. Pensava, é claro, em encontrar casinos afogados em jorros de luz, scintillantes soes faiscando no crystal de largos espelhos.
 Esperava o convivio d'uma multidão incessantemente revolta e formigante como as aguas do seu mar.
 Naturalmente encontraria a roleta triumphante, erguida como uma deusa n'alguma salla recon-dita de um predio sumido em rua escura, escondendo ás inquisitorias vistas da justiça a avidez do ouro. . .
 Talvez me ferissem os ouvidos as notas estridentes do clarim, reboando no ambito d'uma praça de touros, onde iria, como toda a gente, rir-me do meu semelhante, jogral eterno no palco da immor-redoura comedia da vida.
 Eram as creações phantasticas que gerava a lembrança do que vira em estancias congeneres.
 Todavia foi completa a desilusão.
 Ascendia ao mais perfeito grau de perfeição tudo o que a minha pobre imaginação concebera.
 Não já a roleta jogada como eu o pensara.
 As casas em pleno bairro con-corrido, deslumbradas as ruas pe os bicos do gaz.
 Mas uma policia habilmente disposta assegurava a tranquillidade dos infractores.
 Portas de frente; portas na retaguarda; alçapões hediondos escancarando-se em caso de perigo; engenhosas combinações que transformam, ao primeiro signal das campainhas d'alarme, em mesa de jantar a mesa do roubo, em salla de baile a salla do desperdicio; tudo isto é assombroso, phenomenal.
 Vale pela mais perfeita criação do romance; ou pela mais completa obra de contra regra d'um palco.
 Fiquei abysmado.
 Perdi vontade de continuar a ver.
 Onde iria ter toda a praia com a perfeição notada n'esta primeira reportagem, pensava eu.
 E lentamente me dirigia á beira mar.
 Alli não havia a maldade dos homens, inventando meios felizes de se roubarem honestamente, assim como outros tem tratado dos mais rapidos em destruir a humanidade.

e attencioso que este personagem lhe lançava a furo, ainda mais o impressionou.
 «E' evidente, que n'este paiz desgraçado, já me observam, não eram apprehensões de meu pai os odios de que muito quer livrar-me.»
 Atravez das grades torna o abba-de a chamalo-o, no que foi attendido, como da primeira vez, em virtude da necessidade de conservar o seu papel de dessimulado—com exterior humildade se aproxima.
 —Aqui tendes, meu joven, um tharim, para vos refrescar na primeira taberna, por que me parecis abatido da jornada.
 Miguel, com esforço, absten-se de estremecer—acceta a esmola que intimamente o offende estendendo a mão e agradece-a submisso; apoz o que atreve-se a dizer:
 —Penalisa-me que sua Eminencia não me julgasse digno de conceder-me a sua benção.
 Esta singeleza, bem representada, desfez a desconfiança do abba-de.
 —Consola-te, meu filho; a di-

Percorri a largos passos a beira mar, cioso d'aquella salina emanação que me infundia uma alma nova.
 Assentado á beira do abysmo, escutando-lhe amelo-pea de magoa continua, attentava se o mar seria tambem a manifestar-me desprezo pelos *ridiculos* d'este planeta.
 Mas no murmurar plangente, como uma dor que se transforma em lagrimas, ouvia-lhe um lamento de quasi indifferença por tudo d'esta vida.
 Ao longe atochava-se na linha das aguas o sol, como uma chaga sangrenta.
 Não sei se ali estive muito tempo.
 E' provavel que sim, pois quando abandonei a praia, n'uma abstractão de sonho, já brilhavam os luzeiros no firmamento.
 Atravessei a correr as avenidas cheias de luz estonteante, e só parei quando me senti agarrado ás portinholas do comboio prestes a partir.
 O mar envia-me então um mugido surdo de um parabem.

Onhip.

ESCUMUNGADA SEJA A ELECTREGA

—Truz, truz.
 —Truz, truz, truz.
 —Quem bate?
 —Um viajante, minha Senhora.
 —O que deseja?
 —Desejo . . desejo . . desejo . .
 —Ai-ô . . Diga de pressa o que quer, home.
 —Minha senhora, faz o favor de me abrir a porta que sou cavalheiro honesto. . .
 —Abrir a porta?! . . O'ra essa . . Diga o que dezeja e quem é, e depois falaremos. . .
 —Sou um viajante, minha senhora, agente d'uma importante empresa, que acabo de chegar pela primeira vêz a esta terra e desejo pernhoitar.
 —Ai-ô . . Se deseja prenoitar vá p'ra estação: Lá é que há hoteis p'ra dormir. . .
 —Minha senhora: Não estêja a cassôar commigo, por favor. Venho muito massado da viagem e preciso descansar.
 —Vá lá p'ro raio que o parta, home! Suma-se d'ahi p'ra fóra se não grito já p'las visinhas . . .
 —A senhora não tem o direito de insultar-me. Desde que concerva na sua porta este signal que aqui tem é obrigada a abrir a porta a qualquer cavalheiro decente.
 —Ora essa! . . Pois eu que signal tenho á porta, home?
 —Bem digo eu que a senhora cassôa de mim. Abra a porta, minha senhora ou então retire da porta este signal que aqui tem.

vina providencia quiz experimentar o nosso santo cardeal impossibilitando-o do uso dos membros—sé em espirito e coração a paralyisia lhe permite abençoar os fieis.
 —Que Deus o milhore e o conserve! responde Miguel, e retira-se com a certeza de não se enganar d'esta vez e de ter escapando a um perigoso encontro.
 Contados não eram dez passos, na descida da colina, quando na volta d'uma rocha se acha face a face com um homem que d'elle muito se avisinha sem se reconhecer, de inesperado que era o encontrarem-se n'este momento e—
 —Oh! meu filho! meu querido filho! tu aqui! que prazer e que inquietação para mim! Mas a alegria vence-a e me incute mais animo do que ha pouco sentia
 Pensando em ti, monologava: Bom é que Miguel não esteja aqui; porque os nossos negocios poderiam ser prejudicados; mas como n'este mesmo instante te abraço, dir-me-ei o mais feliz dos homens.
 —Meu pai, não tenhais recôos: tornei-me prudente ao pisar o solo da nossa patria. Venho de de-

—Já lhe disse que não tenho ahi signal nenhum homesinho. Suma-se já d'ahi p'ra fóra ou grito a-qui-del-rei.
 —Tanto faz que a senhora grite como que não grite.
 D'aqui é que não saio emquanto a senhora não retirar este pharol envidraçado que aqui tem á sua porta.
 —Oh q'istiporado me havia d'aparcer hoje! . . O' home você está bêbedo. . .
 Pois eu que pharol tenho ahi á porta?
 —Sêja mais prudente, minha senhora, não trate mal um viajante que chegou pela primeira vez a esta terra! Se a senhora, por qualquer motivo, não pode abrir-me a porta venha retirar o pharol para dentro ou apagar lhe a luz.
 —Qual luz, home de Deus ou do diabo?
 —Não me insulte, minha senhora, que eu não sou nenhum bêbedo. O'ra diga-me: Esta luz envidraçada que a senhora aqui tem pendente da sua casa não indica camas para pernhoitar, minha senhora?
 —Ai-ô . . Qual camas ou qual istipôr, homme! Essa luz é o lampeão da alumiação pubeleca que a Cambra ahi mandou pôr, a pedido do meu home, antes d'elle ir p'ro Brazil. Atão como quer você q'eu vá apagar a luz que a Cambra mandou acender, home?!
 —Ai, minha senhora! Agora reconheço que estou completamente enganado!!
 Realmente, o feitio do pharol, a sua colocação e a luz murtiça que tem dentro leváram-me á convicção de que era o signal indicativo d'haver camas para pernhoitar, mas agora vejo que o pharol não tem distico algum. . .
 —Pu-lo que vejo o senhôr não é de cá da terra!
 —Não sou, não, minha senhora; Sou de Lisboa, e como estou habituado a vêr lá esta forma de luzes em certas e determinadas casas, julgueime aqui em frente d'uma d'essas. Agora porem, acabo de reconhecer o meu erro, do qual pesso perdão, esperando essa graça da generosidade da senhora.
 —O'ra essa: está perdoado. . . Atão o Senhor é de Lisboa?
 —Sou, sim, minha Senhora.
 —Ai balha-me a Senhora da Graça. . . e eu que gosto tanto dos homes de Lisboa. . . ystiporado seja o lampeão que foi a causa d'o Senhor se incommodar. . .
 —Não ha duvida com o meu incommodo, minha senhora: A maior duvida, o que eu mais sinto é ter vindo peturbar a Senhora do seu sossêgo.
 —O'ra essa! A paturbação que o Senhôr me causou não me faz mal nenhum.
 Estou arreliada mas é c'o esse istipôr d'esse lampeão.

frontar-me com o nosso inimigo, e de ser por elle interrogado.
 — Quem? quem? grita Pedro o cardeal?
 —E' verdade, o cardeal em pessoa, o paralytico na sua grande caixa dourada. Deve ser o famoso principe Jeronimo, o que tanto amedrontou a minha infancia, e que me parece tanto mais terrivel, quanto desconhecida me era a causa do meu susto.
 Pois meu querido pai, eu vos asseguro que, se elle tem o fito em perseguir-vos, não dispõe de grandes meios para tal conseguir—parece que todas as enfermidades se coligaram para oprimil-o.
 Narrar-vos-ei a nossa entrevista; mas antes de mais nada, fallai-me de minha irmã e corrâmos a surprehendel-a.
 —Não, não, Miguel, urge que me contes como de tão perto viste o cardeal—entremos n'esta estou inquieto. . . Diz-me, mata, diz-me, depressa! . . Elle fallou contigo, dizes tu? . . E' isso verdade, pois elle falla?!
 —Animai-vos; elle não falla.
 — Com certeza? Disseste-me que te havia interrogado! . . .

—O lampeão tambem não tem culpa, minha Senhora: A culpa foi minha.
 —Pois sim, mas por cauza d'esse iscomungado é que o Senhor se enganou. . . e. . . Balha-me as almas dos campos. . . e eu que tanta vez disse ó meu home que não queria lampeão á porta.
 —Não se affilija, minha senhora: Para mim, um engano, serve-me de lição já me não enganarei mais para outra vez que aqui volte.
 —Ah! Pois o Senhor tenciona voltar cá outra vez?
 —Assim o espero minha Senhora. E voltarei breve se conseguir arranjar clientes para o negocio de que trato.
 —Antão, quando voltar, já cá encontra a electrega.
 —O'ra essa, minha Senhora! Pois aqui vai haver instalação de luz electrica?
 —Vai sim senhor; e diz que é uma coisa muito bôa.
 O Senhor sabe-me dizer alguma coisa a esse respeito?
 —Sei, minha Senhora. E' uma grande coisa; é um melhoramento importante para a terra.
 —Antão será melhor de c'os lampeões?
 —Por certo que é. Dá uma luz clara como o sol, de forma que o transeunte passeia de noite com a mesma facilidade como se fora de dia.
 —Mas se alguém qui'er passeiar encoberto, nao pode?
 —Não minha Senhora.
 Tem mais essa utilidade.
 —Ai balha-me a nossa Senhora do Carmo. Bem se diz que p'ra melhor ninguem vai. . .
 —Está enganada, minha Senhora: Verá que é muito melhor luz de que a dos actuaes lampeões.
 —Pois sim, mas eu não queria melhor. . . O'ra diga-me: E a electrega estará acesa toda a noite?
 —E' provavel que esteja; pelo menos assim deve ser.
 —Ai minha rica nossa senhora: E diz o senhor que é melhor de c'os lampeões. . . Olha a istoporada da cambra do que se havia d'alumbrar. . .
 —Vejo que a Senhora não dezeja ver a sua terra melhorada? . . .
 —Desejo, desejo; mas. . . p'ra vir o bem d'uns vem o mal d'oitros. Agente c'os lampeões, abria e fechava a porta quando queria e ninguem via o que se passava, porque elles umas vezes estavam apagados e outras não davam luz quasi nenhuma. Agora se vier a eletrega, não pode a gente abrir a porta nem só uma gretinha depois que fôr noite porque as vezinhas dão logo conta.
 —Mas, minha senhora, as suas vizinhas não teem nada com isso.
 —Pois não, mas se ellas vir que a gente abre e ellas não, põe logo a bôcca no mundo porque são umas bisbelheteiras.
 —Fui, por ordem sua, interpellado, segundo presumpções minhas, originadas na serena observação de todos os movimentos do principe e do abba-de, seu confidente, pessoa não desprova de corpolencia, porem, não o bastante para não deixar ver que sua Eminencia soffria de surdez completa; por que ao dizerem lhe a minha idade, que me perguntaram não sei para que, vi que o abba-de se inclinava m'strandolhe duas vezes consecutivas os dez dedos das mãos com mais o polegar da direita.
 —Mudo, invalido e surdo ainda! Eu respiro. E que idade lhe deste? Vinte e um annos?
 —Não me recommendastes que mentisse mal entrasse na Sicilia?
 —Está bem, meu filho; o ceo protegeu-te e inspirou-te n'este momento.

Clara de Miranda.

(Continúa).

FOLHETIM

O PECCININO
 Ou
 O Bandido Nobre
 Por
 GEORGE SAND

ERRATAS DO NUMERO ANTECEDENTE

Onde se lê—cardialicia—deva lêr-se—cardinalicia.
 «—Bem quizera saber, considerava a sós consigo o joven pintor, vendo desfilarem o cortejo, se o meu instincto me não illude, se é com effeito aquelle o adversario da minha familia.»
 La retirar-se, e nota que o repelente Ninfo não acompanhára o cardeal á espera da passagem da ultima cavalgada, para fechar a grade, cuja chave guarda no seu bolso. Este cuidado extranhavel n'um homem tão ligado á pessoa do principe Jeronimo cousoulhe impressão, e o olhar obliquo

-Mas nesse caso é melhor a Senhora só abrir de dia, e de noite tel-a sempre fechada.

-Pois sim, mas ha occasiões em que a gente não pode deixar d'abrir de noite; e p'ra isso não habia nada melhor de c'os lampões que quasi sempre estavam apagados e a gente abria e fechava á sua vontade sem ninguem ver.

-Pois, minha senhora, se é certo que a luz electrica vae ser installada cá na terra, a Senhora não pode abrir a sua porta, de noite, sem que as suas visinhas ou qualquer pessôa que passe lh'a vejam abrir, e n'esse caso, querendo-se livrar aos ditos do povo o melhor é limitar-se a abril-a só de dia.

-Mas eu que tambem quero abrir de noite?...

-N'esse caso, minha Senhora, não vejo outro remedio a não ser que a Senhora tenha alguma influencia politita e possa conseguir que a Camara não faça a installação ellectrica.

-Politego éra o meu home. Eu por mim nunca votei voto, mas agora me lembro que tenho um compadre q'é da Cambra e até que por signal tamem gosta de dar o seu passeio de noite sem ninguem o ver...

-N'esse caso exponha-lhe a sua opinião, minha senhora: Pode ser que elle lhe attenda e se o ponha á installação electrica.

-Se não se oppuzer nunca mais lhe chamo compadre. Eu prefiro os lampeões á electrega e se o meu compadre me não fiser a vontade escusa de me tornar a passar pela porta.

-N'esse caso, minha senhora, desejo ver satisfeita a sua vontade: Passe muito bem a noite e desculpe o incommodo.

Muito boa noite; fico-lhe muito obrigada pela explicação que me deu, mas eu lhe juro que a maldita da electrega nunca p'ra cá hade vir. Escomungada seja a electrega.

B. X.

Pinto da Gama, da rua da Graça d'esta villa, que tinha chegado, ha dias, doente, do Brazil.

A familia do finado enviamos a expressão sincera das nossas condolencias.

A policia de Bruxellas capturou o ladrão que havia roubado a celebre pintura de Rubens.

CONDEMNADOS

Em Riga, Russia, o tribunal marcial condemnou á morte 22 homens e 3 mulheres, accusados de participação n'uma sublevação armada na communa de Kolenhouzeu, onde os revolucionarios proclamaram em 1906, a Republica Lithuaniana; e 18 outros réus a trabalhos forçados, 3 dos quaes por toda a vida.

Inspecções

Resultado das inspecções das freguezias de S. Vicente, Esmoriz, Vallega e Ovar:

OVAR

Apurados, 105. Isentos, 68. Temporizados, 5. Condicionadamente, 1.

S. VICENTE

Apurados, 10. Isentos, 4.

ESMORIZ

Apurados, 22. Isentos, 15.

VALLEGA

Apurados, 38. Isentos, 19. Temporizados, 2.

Hoje e amanhã ha festa em Espinho; mas não ha comboyos especiaes entre aquella praia e esta villa.

No «Diario do Governo» de 7 do corrente vem publicado o novo decreto ácerca do despejo dos predios rusticos e urbanos.

DESCANÇO SEMANAL

O governô vae introduzir algumas modificações no decreto relativo ao descanso semanal.

UNIVERSIDADE DE COIMBRA

A matricula nas diferentes Faculdades da Universidade far-se-ha nos seguintes dias: em 1 de outubro, em theologia; 2, 3 e 4, em direito; 5 em medicina; 7 a 11, em mathematica e philosophia. De 11 a 15 ainda se farão matriculas indistinctamente. No dia 12 será feita a matricula para a Eschola de Pharmacia.

-Não serão estabelecidos os cursos livres na Universidade, nem abolido o uso da capa e batina.

-Dos academicos intransigentes da Universidade parece que faltam apenas 6 para requererem actos, tendo requerido 5 dos 7 expulsos, desistindo o sr. Pinto Quartin e perdendo o anno o sr. Pinho Ferreira.

Telegrammas de Bruxellas referem que foi encerrado, o congresso de protecção á infancia ultimamente reunido n'aquella cidade.

Deliberou-se crear uma união

internacional de protecção ás creanças e reunir em Berlim em 1910.

PARTIDO REGENERADOR

Parece que será eleito chefe do partido regenerador o Snr. Conselheiro Teixeira de Souza.

S. Ex.ª e um grupo d'amigos seus compraram a propriedade do jornal «Novidades», de Lisboa.

Escola Movel Agricola

«CONDE DE SUCENA»

Em Ovar

Mappa das lições durante a 36.ª semana, desde 15 de Setembro a 22 de Setembro de 1907.

AGRICULTURA

Assumptos das lições explicativas: Conservação dos vinhos; collagem com gelatina, colla de peixe, claras d'ovos e osteocola. Trasfegas, Fabrico do vinho branco; tratamento de vasilhas novas e servidiças; material.

Trabalhos praticos realizados: Trasfega de vinho fino e tavinagem do mesmo. Preparação do vinho abafado. Tratamento de vasilhas e azedas e com môfo Ensaaios gleucometricos.

Diversas consultas. Palestra: Realiza-se em Arada ás 9 e meia da manhã.

Declaração

Em virtude de, não sei quem, ter propalado, que era eu o auctor das correspondencias do «Primeiro de Janeiro», venho declarar que tal propalação é inteiramente falsa.

José Pacheco Polonia.

PARA LIQUIDAR

GARRELIAS & FILHO, SUSS. es

COM

Armazens de vinhos e tanoaria

NA

Rua das Figueiras

Estão encarregados de vender: 2 esplendidos predios, de solida construcção, situados na rua principal do Furadouro.

1 bom predio, grande e bem dividido, na rua das Figueiras (defronte de S. Lourenço).

1 espaçoso armazem, proprio para casa de negocio, na travessa de S. Lourenço.

1 casa de sobrado, situada na rua da Fonte (defronte do dr. Almeida).

1 magnifica terra lavradia, de 8 e meio alqueires de sementeira, na Deveza.

Mostra-se e dá-se todas as informações necessarias.

Ovar, 21 de junho de 1907.

Cão perdido

Extraviou-se no dia 25 de Agosto ultimo na estação de Esmoriz, um cão perdigueiro, que dá pelo nome de Mondego, branco, com as orelhas castanhas e uma malha no corpo, da mesma côr, e colleira nova com nickelados.

Gratifica-se bem quem o quizer restituir ao dono Dr. José Maria Rodrigues da Costa, de Cacia, podendo dirigir-se tambem a esta redacção.

EDITOS DE 30 DIAS

2.ª Publicação

Na comarca d'Ovar e pelo cartorio do escrivão Freire de Liz corre seus termos uma acção ordinaria de investigações de paternidade illegitima, em que é auctora Rosa Maria de Jesus solteira, maior, do logar d'Azevedo, freguesia de S. Vicente, como representante de seus filhos Celestino e Maria, menores, e réus Elias Corrêa da Silva Leite e mulher, do logar d'Azevedo, Emilia Corrêa da Silva Leite e marido, do logar de Porto d'Egreja, estes da mesma freguesia; Manoel Corrêa Gomes Leite e mulher, do logar d'Agoucida, freguesia de Musteiró, comarca da Feira, José Corrêa Gomes Leite e Domingos Corrêa da Silva Leite, solteiros, maiores, ausentes no Brazil, em parte inserta; e, na mesma acção, que foi proposta com o beneficio da assistencia judiciaria civil, a auctora allega:

Que, sendo honesta, foi seduzida por Celestino Corrêa da Silva Leite, conhecido tambem por Celestino Elias Corrêa da Silva, do logar d'Azevedo, freguesia de S. Vicente, de quem teve dois filhos - Celestino, de 15 annes e Maria, de 9 annos, ambos vivos:

Que o dito Celestino Corrêa da Silva Leite falleceu solteiro, e a auctora tambem é solteira: - Que o referido Celestino Corrêa da Silva Leite sempre tractou como seus filhos os ditos filhos da auctora, e, como taes, foram tambem sempre tractados por todo o publico, pelos avós, tios e mais familia do lado paterno: Que falleceu quasi de repente o fallado Celestino Leite, sem testamento, e sem ascendentes, nem outros descendentes além dos filhos da auctora, ficando seus herdeiros os reus, seus irmãos, que, como taes, foram indicados no respectivo inventario por morte d'aquelle, sendo o mesmo inventario julgado por sentença de 10 de maio do corrente anno: - Que os reus quiseram transaccionar com a auctora, offerecendo-lhe uma quantia avultada, para não propôr em juizo esta acção: - Que auctora e réus são os proprios em juizo e partes legitimas na causa;

Conclue, pedindo que a acção se julgue procedente e provada, e julgar-se que os menores Celestino e Maria, seus filhos, são filhos illegitimos e successiveis do fallado Celestino Corrêa da Silva Leite, e, por tanto, seus unicos herdeiros legitimos, sendo os reus condemnados a reconhecer-lhes esta qualidade e a entregar-lhes quaesquer bens da herança que tiverem em seu poder, com custas, sellos e procuradoria. Por isso, correm editos de 30 dias a contar da segunda publicação d'este no «Diario do Governo», citando os reus José Corrêa Gomes Leite e Domingos Corrêa da Silva Leite, solteiros, maiores, ausentes no Brazil, em parte incerta, para na segunda audiencia d'este Juizo, decorrido o praso dos editos verem accusar a sitação e seguir os demais termos da acção até final.

As audiencias d'este juizo fazem-se ás segundas e quintas-feiras de cada semana, por dez horas da manhã, no Tribunal Judicial, sito na Praça, d'esta villa, não sendo dias santificados, porque se o forem, fazem-se nos dias immediatos se tambem não forem santificados ou feriados.

Ovar, 26 de agosto de 1907.

Verifiquei,

O Juiz de Direito,

Ignacio Monteiro.

O Escrivão,

Antonio Augusto Freire de Liz.

Arrematação

1.ª Publicação

A Camara Municipal d'Ovar faz publico que, no dia 9 de Outubro proximo, pelas 11 horas da manhã procederá novamente á arrematação das obras de reparação da estrada municipal entre o logar de Guilhovae e São Vicente de Pereira, na extensão de 3:500 metros, sendo a base de licitação de 1.249\$500 réis, incluindo os materiaes competentes, ou seja mais cinco por cento sobre a base de licitação primitiva, tudo em harmonia com o respectivo orçamento já approvedo.

As condições acham-se patentes na secretaria da mesma Camara, todos os dias uteis, desde as 9 horas da manhã até ás 3 da tarde, afim de poderem ser examinadas.

Ovar e secretaria da Camara Municipal, 18 de setembro de 1907.

O Presidente,

Joaquim Soares Pinto.

Annuncios

No proximo dia 29 de setembro, e arrematada, em hasta publica, perante a junta de Parochia de Maceda, a construcção de um edificio denominado «Caridade Godinho», destinado ao recolhimento de pobres d'esta freguezia, As condições acham-se patentes na secretaria Junta.

Maceda, 4 d'agosto de 1907.

O vogal mais velho servindo de presidente.

Antonio Francisco Rodrigues.

AOS CAÇADORES

Antonio da Cunha Farraia participa aos seus Ex.ªs freguezes e ao publico em geral, que tem á venda, no seu estabelecimento, e recebido directamente de Liège-Belgica, um novo sortido de espingardas e seus accessorios, cuja qualidade e preço garante competir com as cazas d'este genero, do Porto.

Ha espingardas de dois canos, fogo central, para 14\$000 reis.

Visitem o estabelecimento de Antonio da Cunha Farraia.

RUA DA GRAÇA

OVAR

Advertisement for 'CURA PARA OS DOENTES NERVOSOS' and 'EPILEPSIA OU ACCIDENTES DO CORAÇÃO' with details about the medicine and its effectiveness for various ailments.

NOTICIARIO

TEMPO

O tempo tem decorrido explen dido—sol brilhante e quente; apenas uma diferença se tem sentido—as noutes, comquanto de luar magnifico, tem sido um tanto frescas.

Em toda a extensão da palavra, o tempo vae correndo admiravel para os lavradores e barqueiros, emquanto que não se vae dando o mesmo para com os pescadores e jornalistas.

Deus!... Soccorrei-nos pela Vossa Infinita Misericordia.

PESCA

Continua sendo sem importancia o producto da pesca na Costa do Furadouro.

Nem no mar nem na terra, as cousas vão bem; em todo o caso, em terra, senpre se vae pescando alguma coisa...

Sabe-se, por telegramas de Rotterdam, que os hollandezes foram repellidos pelo gentio das celebres, em Boedoug-Boedoug.

Foram enviados reforços ás tropas batidas.

SUL D'ANGOLA

A imprensa de Londres tece rasgados encomios ás nossas tropas, que, no sul d'Angola, tem alcançado brilhantes victorias nos combates travados contra os cuamatias.

NECROLOGIA

Falleceu o snr. Antonio Lucio

